

Construção de hidrelétricas no rio Madeira

Durante a construção das usinas hidrelétricas de **Jirau e Santo Antônio, no rio Madeira**, o fornecimento de água à capital de Rondônia, Porto Velho pode ser comprometido.

O rio mais próximo, Candeiras, está contaminado pelo garimpo de Bom Futuro, afirmou o professor da Universidade Federal de Rondônia e doutor em Planejamento Energético pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Artur Moret.

“Os outros rios do entorno são menores e não têm fluxo suficiente durante o período de seca”. Segundo o coordenador técnico-operacional da Companhia de Águas e Esgotos de Rondônia, Vagner Zacarini, o reservatório que abastece Porto Velho fica no Rio Madeira, a menos de 500 metros do local onde deverá ser feita a barragem de **Santo Antônio**.

O Rio Madeira fornece água a 60% dos habitantes da capital – ou 228 mil pessoas.

“É bom lembrar que a cidade de Porto Velho terá sua população aumentada em pelo menos 50%, com a vinda de trabalhadores atraídos pelos empregos que serão gerados durante o período de construção das hidrelétricas”, ressaltou Moret.

Técnicos do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) devem começar as vistorias de campo para análise do estudo de impacto ambiental da obra. A construção das duas usinas deve demorar de oito a dez anos.

No meu modesto ponto de vista o “**buraco é mais embaixo**”, e o abastecimento de água das cidades pode ser tecnicamente resolvido. Existe a questão da inundação de terras de país vizinho e o Brasil não pode simplesmente projetar barragens sem resolver primeiro o problema com os proprietários das terras, inclusive com os índios e todos impactos ambientais advindos dos empreendimentos que irão inundar enorme área da Floresta Amazônica.

O rio Madeira é um rio da Bacia do rio Amazonas, banha os Estados de Rondônia e do Amazonas. É um dos afluentes do Rio Amazonas. Tem extensão total aproximada de 1.450Km.

O Rio Madeira nasce com o nome de Rio Mamoré na Cordilheira dos Andes, Bolívia. Ele desce das cordilheiras em direção ao norte para a Planície Amazônica onde recebe pela margem direita o Rio Guaporé que traz consigo a linha divisória entre Brasil e Bolívia. O Rio Mamoré então encontra pela margem esquerda o Rio Beni e assim se forma o Rio Madeira.

Da confluência o Madeira faz a fronteira entre Brasil e Bolívia até o encontro deste rio com o Rio Abunã. A partir daí, o rio muda em direção ao nordeste atravessando dezenas de cachoeiras até chegar a Porto Velho onde se inicia a Hidrovia do Madeira.

No delta do Madeira fica a Ilha Tupinambarana em uma região de alagados. O rio varia bastante de profundidade entre a estação chuvosa e a seca. Na estação chuvosa (dezembro a maio), o rio sobe cerca de 15m cobrindo grande parte das cachoeiras de seu leito.

Segundo a entidade **Amigos da Terra**, a indignação com a empresa estatal **Furnas, a empreiteira Odebrecht e a Prefeitura de Porto Velho** que deram o tom dos discursos realizados, na abertura do encontro “Viva o Rio Madeira Vivo”.

A estatal é acusada de limitar o debate e tentar licenciar o empreendimento na surdina: “Furnas não aparece para discutir o projeto em nenhum evento que não seja deles”, afirma Artur Moret, integrante da coordenação do encontro.

Diversos líderes indígenas discursaram, representando suas delegações, e suas falas foram posteriormente traduzidas. “Nós estamos aqui para dizer para o governo que nós não queremos que sejam alagadas nossa terra, nossa história, nossos parentes enterrados”, afirmou Antônio Papá Gavião.

A prática da empresa é cínica, desonesta e falsa. “Eles estão fugindo do debate real, estão pegando as pequenas comunidades, como Jaci-Paraná, tentando cooptá-las oferecendo benesses, buscam iludi-los, em troca do apoio à obra, necessário para garantir o licenciamento ambiental”. Os investimentos previstos são de R\$ 10 bilhões.

Serão originários da iniciativa privada, organismos financeiros internacionais e governo federal. Prevê ainda a participação em 15% dos estados do Acre, Rondônia e Amazonas.

As duas hidrelétricas do Complexo terão o potencial para gerar **6,45 mil megawatts de energia elétrica (equivalente a 3,58 vezes a energia gerada em Porto Primavera - 1,8 mil megawatts - no rio Paraná)**, energia que o país necessita para ajudar a abastecer a Amazônia e os demais estados da federação, garantindo assim o desejado crescimento do país.

O que não se admite mais é o gerenciamento de um assunto de vital importância para propiciar o desenvolvimento do Brasil, utilizando-se de subterfúgios para cooptar índios e demais proprietários das terras.

É racionalmente necessário o exame com atenção da mitigação dos impactos ambientais que serão com certeza causados pela construção das hidrelétricas.

Diga-se de passagem, que esses procedimentos estão enraizados nas empreiteiras, órgãos públicos e estatais no Brasil.

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental –
rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br – www.rochaoutorga.hpg.com.br